

O MUNDO DA VIDA E A AÇÃO, em Alfred Schütz

LIFEWORLD AND ACTION, by Alfred Schütz

E. A. de Azevêdo *

Data de recepção do artigo: set/2011

Data de aprovação e versão final: nov/2011.

Resumo: *Este artigo pretende analisar, a partir do conceito husserliano Lebenswelt (Mundo-da-Vida) e do conceito weberiano de ação com sentido, as bases fenomenológicas da sociologia da ação e da compreensão em Alfred Schütz.*

Palavras-chaves: *Compreensão, Husserl, Weber, Lebenswelt, Ação, Sentido.*

Abstract: *This paper purports to offer an approach to the grounds of Alfred Schütz's phenomenological sociology of action and understanding rely on Edmond Husserl's concept of Lebenswelt and Max Weber's concept of meaningful action.*

Keywords: *Husserl, Understanding, Weber, Lebenswelt, Action, Meaning*

1. O mundo da vida

Procuramos aqui inicialmente descrever de maneira sintética os vários significados dados por Husserl à expressão “Lebenswelt”. A partir disso, num outro momento, procuraremos mostrar significado que este conceito tomou no pensamento de Alfred Schütze os desenvolvimentos que veio a sofrer em certas partes de sua obra. Nos teremos especificamente aos aspectos metodológicos e à sua teoria da

* *Doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio G. do Sul. Prof. Associado III do Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, Campus I, João Pessoa-PB. m@ail: eazevedojp@gmail.com*

ação.

1. O Mundo da Vida pode ser entendido como fundamento esquecido que dá sentido às Ciências da Natureza.
2. O Mundo da Vida se refere ao pressuposto implícito do pensamento da “filosofia transcendental” de Kant.
3. O Mundo da Vida pode ser compreendido em relação com o mundo natural e enquanto meio de compreender o seu sentido.
4. O Mundo da Vida com relação ao trabalho dos historiadores.
5. O Mundo da Vida como fundamento de uma ontologia não transcendental.
6. O Mundo da Vida como possível de ser fundamento e tema de uma filosofia transcendental. (Aguirre... 1979, pg. 8).

Mas o que quer dizer mesmo a e expressão O Mundo da Vida ou Mundo, como preferem alguns? ((Lebenswelt). (BRANDT, G. 1971)

Husserl usou expressamente a palavra alemã *Lebenswelt*, significando literalmente, o mundo da vida mundo vital O esforço de Husserl em analisar conceito de “*Lebenswelt*” encontra-se na sua obra tardia, “*Die Krisis der Europäischen Wissenschaft und die Transzendente Phänomenologie*”. Nesta obra o objetivo de Husserl é conhecer o problema das Ciências para além de um naturalismo tacanho e de seu objetivismo reificador. Seu esforço se pauta em dar conta do problema da inclusão da questão científica no interior de uma concepção mais vasta da cultura e do espírito; deste modo buscou incluir a ciência num sistema de valores para poder compreender a crise do pensamento ocidental no que tange à questão do domínio técnico da natureza e suas conseqüências nefastas para a humanidade. P a dizer que o problema da ciência passa necessariamente pelos fundamentos de uma Ética.

Assim se expressa Husserl a respeito de “*Lebenswelt*”: existiria em Kant um pressuposto não declarado, o de que existe

um “mundo vital”, que se dá por verdadeiro enquanto tal. O significado desse pressuposto teria como consequência permitir determinar e colocar as questões referidas à crítica da Razão. O “mundo da vida” seria assim entendido como aquele horizonte das vivências dos sujeitos, embora não seja tematizado e explicado. Significa isto dizer que o “mundo da vida” é aquilo que se dá como assentado e pressuposto, o mundo da “Selbstverständlichkeit”. E isso deveria ser levado em consideração quando se trata de compreender o sentido da “racionalidade” e de sua crítica. Concebida desta maneira, esta região da realidade não deveria ser relegada e segundo plano nas investigações filosóficas, assim deixando de ser tida como sem significado e indigno de ser investigada ou mesmo ser descrita pelo pensamento racional. Se assim se procede, isto significa nada mais nada menos do que um mero preconceito de filosofia e da ciência. Assumindo assim uma posição positiva com relação ao mundo pré-categorial do mundo da vida atribuímos-lhe uma riqueza variada, embora seja aquela região da realidade onde aparecem os fenômenos da subjetividade anonimamente compreendidos. Não obstante ter Kant tentado encontrar as condições subjetivas de possibilidade da experiência no mundo objetivamente experimentável, nem a Ciência, nem a Psicologia, nem a Filosofia, intentaram dar conta deste mundo subjetivo-objetivo.

Desse modo, só e a Fenomenologia, com uma visão sem preconceitos, das “coisas”, buscou compreender, enquanto Ciência dos fundamentos últimos da realidade, incluir em seu programa os fenômenos do mundo vital. O mesmo, segundo Husserl, deveria fazer a Ciência, à medida que o mundo vital é o ponto de partida dos problemas de atividade racional. O que implica em dizer que a Ciência deve fazer incluir no seu sistema ou no seu programa tais questões, no que tange à questão do conhecimento objetivo, qual seja, tratar de descrever a constituir a “Lebenswelt”. O caminho para tratar desta realidade vital não

seria aquele de uma ciência “lógico-objetiva”, mas o caminho do fundamento da realidade mesma descrita pela ciência. Assim caberia às ciências investigar quais os valores ou significados das experiências subjetivas no que diz respeito à prática vital da atividade da Ciência; enquanto se dá no mundo da vida e determina certas atitudes com relação ao mundo prático dos homens. Assim, à medida que é a ciência um fenômeno vital, é da maior relevância circunscrever seus problemas básicos com relação a este fundamento. Mais ainda, isso vale a dizer que a Ciência deve buscar seus fundamentos antropológicos no mundo da vida, já que é somente do ponto de vista da relação entre os homens que se pode atender, à medida em que aqueles buscam resolver, pelo conhecimento e pela ação, os problemas com que se deparam, o que dá sentido mesmo à Ciência. Isto permitiria à Ciência, a partir dos momentos de crises de fundamentação, retomar e retornar à questão do homem e da sua dominação no interior do Mundo da Natureza e do mundo intra-subjetivo socialmente compreendido. Dito de outro modo, tal abertura da Ciência para o mundo da vida lhe permitiria deslocar a questão da Ciência de um mero questionamento dos fundamentos da Natureza e recolocá-lo para o papel que desempenha a atividade lógica-racional e vital da Ciência na própria atividade do homem. Assim seria ela compreendida como uma atividade que se dá no mundo das relações sociais e das atividades prática-teóricas da Humanidade. Implica isto em dizer que a Ciência é carente de um fundamento antropológico para poder averiguar as conseqüências de seus pressupostos para o próprio futuro da humanidade enquanto tal. No momento de crise da Ciência com relação a seus pressupostos e suas implicações técnicas, com seus efeitos perversos na relação do homem com a Natureza, um retorno ao Mundo d Vida seria uma forma de avaliar as questões que aí são dadas como impasses no mundo contemporâneo. Assim, com a tematização do mundo da vida pela atividade científica, se poderia introduzir cominho da pesquisa científica

as questões atinentes à vida cotidiana. Uma condição relevante aqui o fundar de uma ontologia da “Lebenswelt” que permitiria um conhecimento mais aprofundado do homem, examinando os limites e os horizontes de sua atividade prática, ou todos os fatos que se dão no Mundo da Vida, incluindo-se aí a própria atividade da Ciência, uma vez que a Ciência faz parte do complexo cultural-antropológico destas atividades. O empreendimento Edmund Husserl tinha como pano-de-fundo o esquecimento de que a atividade científica juntamente com a técnica ancontram-se na “Lebenswelt” e dela emergem. A Ciência, no seu conjunto, é uma atividade mundana entre tantas outras na era do predomínio da racionalidade. É preciso ressaltar que o mundo da vida não se confunde com o mundo natural, sendo este um dos componentes do horizonte existenciário do homem, mas do qual a Ciência pretende dar conta numa atividade de pretensa neutralidade valorativa. É necessário compreender que o mundo da vida tem feições históricas diferentes, com formas e estilos diversos. Na medida em que o conhecimento racional, lógico-categorial, da ciência insiste em ignorar a questão, vê-se aflorar no horizonte humano os sinais de uma catástrofe na qual a própria natureza será levada a reboque e de tal maneira que só as pedras poderão contar a história.

A importância dada ao mundo da vida pela Fenomenologia significa ir além do que aparece na atitude natural para regatar o sentido de experiência humana por meio de uma “redução” do mundo da vida que é anterior a todas as outras reduções nos vários segmentos emergentes da realidade. O que significa dizer da procedência da redução do mundo da vida das demais reduções fenomenológicas. À redução transcendental antecipa-se uma redução mundana.

Feitos os devidos esclarecimentos sobre o sentido da “Lebenswelt” na obra de Husserl, retomemos os nossos pontos

de partida.

O Mundo da Vida pode ser assim, considerado de vários modos, passando-se da atitude simples e natural à uma atitude mais complexo, ou seja, indo-se do mundo natural das vivências pré-categoriais à atitude transcendental, ou filosoficamente compreendida, o que indica uma interpretação deste com relação a diferentes horizontes e perspectivas do Ser distintamente abordadas. Deste modo teríamos no conjunto, o seguinte:

1. A compreensão do Mundo da Vida se dá enquanto coisas, experiências e verdades a elas relacionadas. Estas coisas, experiências e verdades a elas relacionadas. Estas coisas, experiências, podem ser dadas de modo intuitivo e perceptivo, ressaltando-se o seu caráter posicional e ocasional, intercaladas na corrente do vivido nas suas múltiplas perspectivas e significações dando-se nas coisas de modo subjetivo e perceptivo, através das quais passam nossas vivências no cotidiano.

2. O Mundo da Vida visto de uma perspectiva estritamente fenomenológica que funda as relações dos fenômenos uns com os outros de modo anônimo.

Compreendida a questão dessa maneira e posta como tal, é necessário que se apele para vários processos de “redução fenomenológica”, visando buscar o fundo comum da vida nas suas múltiplas regiões ontológicas. Neste escalonamento estruturante do Mundo da Vida tomamos uma atitude intuitivo-subjetiva, num limite primeiro, para em seguida atingirmos, noutra limite, a esfera científica onde o primado da verdade objetiva, em termos lógicos, se faz presente. Tudo isso vem a dizer que o Mundo da Vida pode vir a ser compreendido de várias perspectivas, passando-se de uma à outra sem solução de continuidade, pelo processo contínuo de reduções parciais; o que segundo Husserl, significa dizer que há uma continuidade de uma à outra, numa espécie de emergencialismo ontológico.

Tomada a questão neste limite, cabe-nos perguntar agora qual a relação de dependência e originalidade do pensamento de Alfred Schutz, no que diz respeito à sua tentativa de fundar uma

Teoria Social que leve em conta a questão do Mundo da Vida e de intersubjetividade nos limites do universo da “Verstehen” e da Sociologia Compreensiva, possibilitando a fundação de uma Teoria da Ação do homem social no mundo. Esta será o nosso passo seguinte.

O motivo orientador da obra de Alfred Schütz é o tema do Mundo da Vida, seguindo as pegadas de Husserl, em relação com o mundo natural, procurando constituir uma Teoria da Ação a partir da junção com a obra de Max Weber. Deve-se acrescentar ainda a influência de pensadores como William James, John Dewey, G. H. Mead, presença marcante do pragmatismo e a figura de Henri Bergson. Na sua obra se cruzam motivos filosóficos e sociológicos. Conjunção interessante de duas tendências filosóficas, o empirismo modificado dos americanos e a filosofia da vida européia. Tudo isso visando construir uma obra de ciência que tem por meta desenvolver uma fenomenologia da ação social. É marcante também a presença da “Teoria das Ciências Humanas” inspirada no método da “Verstehen”, com a presença dos problemas da “Methodenstreit” de origem alemã, mas tudo temperado pela presença forte do pensamento fenomenológico de Edmund Husserl. Neste sentido é de maior importância sua obra “Fenomenologia do Mundo Social”, de 1932, na qual tenta desenvolver as relações entre a abordagem filosófica da Fenomenologia e os desenvolvimentos da Sociologia Compreensiva de extração weberiana, que se centra no conceito de “Mundo da Vida”, no estudo de realidade a partir do sentido comum. Seu pensamento se centra assim no cruzamento de várias tradições intelectuais para dar conta das relações ativas dos homens vivendo no “mundo da vida”. Parte assim Schütz de certos pressupostos, consoante com as atividades dos homens vivendo no mundo vital da vida cotidiana. É forte na sua obra a presença pragmática da atividade social dos homens, buscando um sentido para a existência nas intersubjetividades dos homens

em sociedade.

Assim parte Schütz da idéia de estabelecer uma diferença entre a atitude lógico-teórica das Ciências Naturais e o estudo compreensivo das “Ciências Humanas”. Esse pano de fundo é fundamental para compreender sua obra.

Neste sentido o conceito de “Verstehen” é de fundamental importância como ponto de partida metodológica para a obra de Schutz, na medida em que é a partir deste conceito que se constitui a peculiaridade científica da Sociologia Schutziana. Seu interesse se restringe basicamente a fundamentar uma teoria da sociedade que possa dar conta do significado subjetivo da ação social, completada por um desenvolvimento posterior do conceito de “tipo ideal” como ferramenta metodológica central, inspirada na obra historiográfica e sociológica de Max Weber. Segundo Schütz estes conceitos teóricos permitem a reconstrução científica da ação significativa no interior da sociedade, sendo seu conceito de ação social derivado do emprego desta metodologia.

A operação metodológica da “verstehen” implicam em entender os fenômenos sociais por oposição ao princípio de causalidade, “Erklärung”, consagrado nas ciências da natureza, que tem na física seu paradigma exemplar. Aprofundando a análise do método da “Verstehen” a partir da Fenomenologia husserliana recusa-se Schütz a concebê-la como uma técnica ou um método, mas a entende enquanto uma maneira ou modo natural, ou no mundo comum da vida chega a conhecer a sociedade e a cultura no plano de ação. Mais ainda, trata-se do ponto de vista epistemológico a partir do qual se pode compreender a questão das motivações que impelem à atividade, à ação os seres humanos. Assim, segundo esta via, se pode e se deve levar em consideração o sentido subjetivo da ação social, tanto do ponto de vista dos atores como daqueles que se colocam numa situação de “objetividade” com relação ao

mundo da vida, na posição de cientistas de sociedade. O que importa revelar é a capacidade da “Verstehen” de trabalhar no sentido de elaborar conceitos objetivos implícitas nas estruturas subjetivas do mundo da vida.

Mas o que entendia Schütz por realidade social? A realidade social para ele significa o conjunto de tudo aquilo que se dá como objetos e acontecimentos no interior do mundo sócio-cultural de modo a revelar as experiências do pensamento do sendo comum dos homens enquanto partícipes no existir da cotidianidade, se dando na relação com outros homens e que aparecem como relações interativas. Deste modo os objetos da cultura e suas instituições, no interior das quais os homens nascem e se orientam, é aquilo que a ciência da sociedade precisa trabalhar de modo científico. No interior dessa composição vivencial que é a cultura e as instituições, ou seja, o cenário social, essas relações se dão enquanto experiências do mundo como um dado natural e cultural ao mesmo tempo. O mundo, desta maneira, não é dado ao indivíduo como um mero mundo seu, mundo privado, mas se configura no quadro das interações intersubjetivas que o constitui, mundo comum àqueles que estão em contato uns com os outros e que é essencial, potencialmente a cada indivíduo particular. Como pressuposto desta convivência do mundo natural e cultural assume um papel relevante o contexto da intercomunicação e da linguagem.

Partindo dessa situação do problema, Schütz recusa a falácia naturalista que insiste em tomar o mundo social como um dado, à medida que denegam o caráter particular e especial do mundo da comunicação, da linguagem, da interação, sem explicações posteriores; pressuposto que tem por fundamento o preconceito do empirismo-lógico que se limita a conceber o cientista social a maneira do cientista natural, como aquele que dá por resolvido o problema fundamental de onde parte. O que está em jogo aqui é exatamente saber a partir de que ponto de

vista pode-se tomar tal como um *dada*, ou seja: em saber qual o quadro de referência a partir do qual a ciência pode partir para compreender a ação social. Pois à medida em que a presunção empirista se limita a fazer do fazer e do fato social algo puramente explicável a partir de termos sensoriais controláveis, ou variáveis, controláveis, deixa-se de lado e à margem o problema mais fundamental de saber o caminho percorrido para que se chegue a tal situação.

“Porém o postulado que descreve e explica a conduta humana em termos de observações sensoriais controláveis não chega a descrever nem a explicar o processo mediante o qual investigador B controla e verifica os descobrimentos obtidos com a sua observação pelo investigador A e as conclusões que este extraiu. Para fazê-lo, B deve saber que observou A o qual é o objetivo de sua investigação, porque considerou que o fato observado era digno de sê-lo, vale dizer, pertinente para o problema científico imediato, etc. Este conhecimento é comumente denominado *compreensão*”. (Schütz, 1983, pg 170)

Em verdade isto acarreta dizer que o resultado a que possa chegar o investigador A com relação a B poderá jamais ser inferido simplesmente pelas observações de B, nem pelas atitudes de A não resultando de uma mera auto-reflexão do B ou pela correspondente identidade entre B e ^a Mera proposições particulares – ou seja: que B possa inferir qualquer conclusão a partir da formulação de resultados verificados em laboratório, ou uma mera presença observada no espaço e tempo, em momentos especiais, a partir do qual B tira suas conclusões sobre A, sendo a sentença particular uma mera conclusão inferida de uma proposição empírica, uma vez que este pressuposto metodológico do empirismo não é possível de ser transposto para o mundo da ação social, ou mundo psicofísico como prefere Schütz.

O que está excluído neste modo empirista de explicar o mundo social?

1º - Só pode explicar a conduta do observado, jamais a do observador (a intersubjetividade fica de fora).

2º - A conduta observada, tendo vários sentidos, não pode ser a mesma para o observador e para o observado; o que também tal procedimento deixa de lado à medida em que privilegia a conduta do observador.

3º - Deixa de captar o lado negativo da ação social, que nem por isso deixa de ter sentido para a ação social, à medida em que infere no próprio curso da ação, dado que interfere no próprio curso da ação e escapa ao cientista enquanto meramente se preocupa com as tendências manifestamente positivas que aparecem nos dados observados.

4º - As crenças, atitudes e convicções dos atores enquanto definidas pelos próprios atores são deixadas de lado pelo observador empirista, uma vez que ficam a margem de uma mera manifestação sensorial. O que implica em se perder uma dimensão por demais significativa para o conjunto da ação social.

5º - O comportamento puramente empirista do investigador só pode dar conta daquelas ações que se dão num pequeno setor da realidade e que são manifestações das atitudes “face a face” em que se apresenta o investigado com relação ao investigador.

Isso significa dizer que o comportamento social, está circunscrito a uma série de eventos e acontecimentos que ultrapassam os limites empíricos de mera observação sensorial e que nem por isso, não sendo manifestas, de estarem latentes no interior das condutas recíprocas dos indivíduos agindo socialmente.

No mundo da vida a ação social se dá subjetivamente enquanto dotada de sentido, e o conhecimento desse mundo comum se dá pelo corpo como outro, com um semelhante nosso; assim na semelhança do outro conosco a ação se dá carregada de sentido; que dizer, é significativa com relação a fins e propósitos, e não uma mera coisa, apesar de por vezes se dar este conhecimento de forma contrária. Nem por isso deixa de ser

significativo e orientador. Os outros nos são dados assim como coisas num sistema organizado para a ação já previamente orientado. O mundo no seu conjunto é dotada de propósitos.

Assim a operação da “Verstehen” tem como meta buscar entender o sentido de que são dotadas as ações humanas no mundo da vida; mas esta operação não se empenha tão somente em fundar uma ciência social mas entender as próprias pessoas atuando no mundo; é uma forma de experiência entre tantas; uma forma de conhecer o mundo – “é um resultado da aprendizagem social” – (Schütz-op cit, pág. 172).

“O “Verstehen”, ademais, não é de modo algum um assunto privado do investigador, impossível de se controlada pelas experiências de outros observadores. É controlável ao menos na medida em que as percepções sensoriais privadas de um indivíduo são controladas por qualquer outro indivíduo colocando em certas condições” (Schütz; op.cit. pág. 172).

Com relação à “Verstehen” enquanto processo subjetivo do conhecimento é preciso colocar a questão nos seguintes termos, segundo Schütz, a “Verstehen” deve ser compreendida como: a) o modo como experimenta-se o conhecimento do sentido comum dos assuntos humanos;b). como problema epistemológico das ciências humanas e c. enquanto método científico.

A “Verstehen” é tomada inicialmente a partir de um pressuposto kantiano, ou seja, enquanto problema da possibilidade do conhecimento de outras mentes e que todavia não foi resolvido; ou seja, a questão da intersubjetividade do conhecimento enquanto experiência no mundo natural e da cultura, o que, segundo Schütz, representa o “escândalo da filosofia” por não haver sido resolvido até hoje.

Assim a experiência da existência de seres humanos é central para dar início ao conhecimento do mundo, já desde o início.

Husserl colocava a “Lebenswelt” como a experiência radial para fundamentação de todos os princípios da conquista da ciência, por meio de construções mentais e objetos de pensamento da ciência – idealizações, sínteses generalizadoras, formalizações, etc.; cabendo as ciências sócias investigar precisamente o fundamento vital dos conceitos das ciências naturais.

Os recursos das ciências naturais são pobres para compreenderem os fundamentos de uma ciência do humano, já que se orientam por abstrações que encobrem exatamente a orientação no mundo da vida da própria atividade científica; sendo que a ciências sociais devem procurar coincidir nas suas investigações com esse sentido comum que orienta o mundo cotidiano.

Enquanto as ciências naturais delimitam seu campo observacional num conhecimento de primeiro grau, nas suas relações com a natureza externa do mundo físico, às ciências naturais caberia tratar de outra fatia da realidade que se orienta por um conhecimento de segundo grau, o que nas palavras de Schütz “são objetos de pensamentos construídos pelo sentido comum; construções das construções, etc”.

Assim sendo a primeira tarefa do cientista social se orienta metodologicamente pela pergunta de como o homem se conduz na vida comum e pelos seus pressupostos gerais, a partir da atitude natural.

Para tanto deve se considerar o seguinte:

- a. o mundo é experienciado inicialmente como pré-científico na vida cotidiana. Conhecimento direto de singularidades.
- b. à medida em que o conhecimento social necessita da aparição do conjunto dos atores sociais, mais uma vez se dá como social quanto a sua gênese.
- c. a distribuição social do conhecimento implica mais uma vez a sua sociabilidade natural, à medida em que o conhecimento do ator é limitado, variando de indivíduo a indivíduo, mas que no fundo se refere ao caráter comum deste conhecimento na sociedade onde

se enraíza o ator.

O esquema de padronização do conhecimento social leva, portanto, a que se o conceba como um princípio básico de sua sociabilidade, como estrutura e função no sentido de sua articulação nos usos, costumes, hábitos, etc., o que diz que sua utilidade para o conhecimento científico.

Temos assim:

a. construções de primeiro nível ou pré-categoriais, a partir das quais devem fundar-se as construções de segundo nível, lógico-científicas.

b. a “Verstehen” – como operação de segundo nível que se refere às significações subjetivas dos atores, de um ponto de vista determinado, pelas regras lógico-categoriais de ciência.

c. a “Verstehen” – como conhecimento de segundo nível deve englobar as primeiras – o sentido subjetivo do conhecimento prático que orienta a ação dos indivíduos em situações biográficas determinadas. Trata-se de fazer com que o procedimento científico se oriente por interesses cognitivos, aplicando o princípio metodológico chamado “princípio de continuidade” superando o naturalismo. (Weber)

d. construção de “tipos ideais” que sejam orientadores do procedimento científico, tornando objetivável em termos lógicos-categoriais, integrando os procedimentos científicos no conjunto das situações vitais no mundo da vida. Trata-se assim de orientar o procedimento científico por princípio de racionalidade de ação social fundada nas situações histórico-biográficas dos atores enquanto dotados de liberdade e consciência que os torna capazes de tomarem decisões compreensíveis intersubjetivamente. Desta maneira a ciência poderá alcançar um princípio de complementariedade que conjumina os procedimentos vitais, naturais com a atividade lógico-racional da ação social, ambos momentos diferenciados do mundo da vida.

Assim a ciência poderá se integrar no conjunto das atividades dos homens agindo da cotidianidade e na presença da realidade múltipla que são as estruturas fundantes da ação prático-racional.

2. Ação e mundo social

Tomamos aqui como referência o texto de Schütz: “d, Escolha e Interesse”, (in Schutz; 1983); para introduzir o problema da ação e da escolha significativa do Mundo da Vida.

Os atores sociais agem no mundo da vida com plena liberdade, enquanto atores espontâneos. Ou seja: o sujeito da ação tem liberdade de escolha entre múltiplas alternativas e esta liberdade é um pressuposto, pelo menos até que o indivíduo, usando desta liberdade, toma uma decisão, tornando-se algo concluído num ato. Tornando-o assim como limite desta liberdade, deixando sua marca no mundo num ato conclusivo e finito.

O que está em jogo na ação é a capacidade de agir no mundo social a partir da possibilidade de um projeto fundado na livre possibilidade imaginativa do ego. Assim passa-se do imaginar, ou do projetar imaginativo à ação e desta ao ato enquanto algo finalizado. O que é relevante aqui é o papel que desempenha no mundo social a capacidade de escolher livremente, numa atividade voluntária dos sujeitos sociais. Esta capacidade/possibilidade se faz real pela “significação” que ela venha a ter para o ator: ação no mundo onde os objetos, as coisas, o próprio mundo está à sua mão, sendo dados por antecipação.

Schütz rebate as teses do indeterminismo com as do determinismo Ético à medida em que concebe a escolha entre objetos e projetos não como condicionamento restritivo que obrigaria os indivíduos à escolha. Insiste que o ator está no mundo diante de um sistema de relações previamente dado, mas que compete a esta escolha e que o mundo só aparece enquanto tal no momento mesmo da escolha. O mundo para o sujeito social é escolha mesmo. Tanto o indeterminismo como o determinismo estão equivocados, pois concebem a ação e o ato com algo já realizado. Ao contrário a plena consciência do

sujeito é o limite que “determina” sua ação no mundo, o que se dá significativa e racionalmente. A dimensão da duração em vez de estar no mundo externo, situa-se no próprio ego livre do ator numa flutuação até que seja tomada a decisão sendo esta situada no fulcro de consciência que o limita na abertura nos horizontes possíveis, e se dá num processo contínuo de transformações, atravessando uma série de momentos.

O projetar livre do ego é o fundamento do ato, não o ato em si mesmo, tramitando da ação ao ato, visando assim a resolução no futuro perfeito onde se completa a liberdade de ação do ator social.

Pela capacidade de fantasias, imaginar é dado ao ator a possibilidade de que venha a escolher de uma forma corrente certos atos que joga para o futuro que decidirá de sua realização perfeita, podendo o ator recuar na sua decisão e retomar todo o processo de escolha no tempo interior e recuperar aquilo que orientado pelos seus interesses imediatos. À medida em que projeta o ator reflete um termos de autoconsciência e assim é capaz de julgar das possibilidades de êxito daquilo em que empenha, do seu empreendimento como um todo e nisso, mais uma vez, reside sua liberdade. Deve-se ressaltar aqui o caráter intencional de tais modos de agir que se tecem numa estrutura imaginativa e flutuante.

No que toca à questão dos valores para a ação e a escolha Schütz insiste que este elemento da esfera da escolha cai fora da própria idéia do projetar; pois os valores se situam num quadro já antecipado, o que vale dizer que toda escolha é, em si mesma, escolha valorativa, pois os valores se encontram aí no mundo da vida, à mão do ator, não sendo portanto da esfera de escolha mesma. Existem assim os interesses enquanto relacionados numa trama constituída no mundo, sendo certos valores os “pesos” elementos entre tantos que compõem o conjunto do sistema no quadro da ação, o que chama Schütz “plano de vida”, enquanto um “universal” que predomina sobre

os valores mesmos e decisões particulares. Há de se perguntar aqui se tais valores não seriam determinantes. Claro que não, pois o que interessa é a escolha mesma enquanto ato ético. Assim a escolha é uma possibilidade que salta fora dos valores enquanto ato de liberdade.

“... o fenômeno de escolha pode se dar, não importa quão vago seja o conhecimento. Do ponto de vista do ator na vida diária é impossível a nitidez total dos elementos envolvidos no processo de escolher, ou seja é impossível uma ação perfeitamente racional”. (Schütz; 1979, pág. 147).

O caráter intencional da escolha é central. Usando a classificação dos tipos de atos de Husserl, Schütz atribui à escolha uma composição complexa de atos sintéticos descontínuos que ele denomina de atos politéticos.

Os atos são assim compostos distintamente e são atos aperceptivos monotéticos, politéticos e sintéticos, que põe uma multiplicidade segundo uma certa ordem. O modo monotético é uma unidade simples de apercepção, apreensão, compreensão como quando se entende o sentido de uma palavra. O modo politético é aquele da união e composição de apercepções, apreensões e compreensões, etc., cada uma das quais pode ter lugar monoteticamente e a sucessão das quais tem lugar politeticamente. Na variedade numa unidade, o objeto resultante pode, por sua vez, ser sujeito de uma operação no modo monotético. (Ferrater Mora; 1980, pág. 2264).

Mas a consciência ou ego no conjunto da síntese dos atos de escolha constitui um único raio (Strahl) na consciência e atua a partir desta direção por ele tomado. A consciência é unitária a respeito da multiplicidade de sínteses de que é capaz. A partir daí as várias alternativas são distinguidas, a consciência inicia um processo da projeção num sentido único e a isso chama Schütz de “AKT”. A consciência trabalha aqui com o que vai ser posto como ato até completá-lo num ato; ato feito e assim assume uma posição escolhida definitivamente. A ação

completada torna-se uma unidade e assim se apresenta a ação ao ego.

Dentre o quadro geral de possibilidade dado pelo mundo que é um pressuposto, existem possibilidade de questionar e por em dúvida as várias alternativas. Mas à medida que impelido pela sua situação biográfica o ator se vê premido a fazer uma escolha sendo esta um processo que se dá pelo imaginar, o que faz com que a ação do sujeito seja dotada de liberdade. O mundo, deste modo, se apresenta como possibilidades múltiplas.

Tais possibilidades, postas em dúvida Schütz chama-as de “possibilidades problemáticas e em aberto”.

Os objetos estão no mundo e se impõe que o ator escolha um entre tantos; o ego é premido a tomar por si mesmo uma decisão que se centra na atenção de que é dotado esse ego no terreno da decisão, de modo que as expectativas possam ser concretizadas ou frustradas e para tanto há algo assim como espécie de antecipação imaginativa ou a atenção. Podem ocorrer as seguintes situações:

1. O bloqueio do processo de escolha, à medida em que o objeto possa desaparecer do meu horizonte perceptivo ou aparece um outro no seu lugar.
2. Pode ser que a antecipação seja encaminhada a desaparecer à medida em que sou obrigado a renunciar a ela pela impossibilidade de executá-la, já que um novo objeto aparece como possível de ser escolhido. Se instaura, assim, uma dúvida entre as várias expectativas possíveis que se dão em termos de conflito e só pela supressão da dúvida ou flutuações da apercepção posso vir a consumir o ato.

O que é necessário aqui é a possibilidade de superação do conflito por meio de um “esclarecimento” pelo qual sou capaz de tomar uma decisão entre as possibilidade contrafactuais, dando origem a novas possibilidades enquanto possibilidades problemáticas questionáveis e que se situam nos objetos enquanto objetos intencionais. Surgem assim as

possibilidades em “aberto”; distintas das primeiras, que são conjecturas vazias e indeterminadas e são, ao mesmo tempo, “variações livres”.

As possibilidades problemáticas se situam no âmbito de situação e são contestáveis, umas em relação as outras; são todas possíveis. Todas essas possibilidades estão unificadas num campo e podem ser contestadas pela disfunção entre outras possibilidades.

Às possibilidades em aberto atribui-se serem dadas pela presença do mundo com pressuposto e são dadas pela certeza empírica. Seleciono naquilo que é dado como pressuposto.

Assim é a ação do homem no mundo social que o leva à escolha, mesmo que problemática, já que este é um dado pré-constituído que lhe impõe alternativas. Não significa isso a restrição da liberdade, à medida que tudo é posto diante do “com se”.

Para a ciência social é da maior relevância trabalhar com o problema da escolha/decisão no mundo da vida, pois o que se destaca aqui é a possibilidade de uma ação livre e racional do homem, enquanto capaz de agir por decisão própria, no horizonte do mundo vivido intersubjetivamente, na comunidade de valores.

Assim a prática da ciência concebida como ancorada no mundo da vida deve procurar dar conta da interação social enquanto processo da ação comunicativa, da intersubjetividade, buscando alternativas racionais não restritivas ao processo de decisão democrática de ciência mesma, enquanto esta pertence ao processo de constituição do mundo enquanto mundo da vida.

A obra de Schütz nos parece colocar assim os pressupostos de uma ciência do agir humano que se pauta por uma decisão racional que possa vir a ser resultante não de uma elite ilustrada, mas sim da própria sociedade como um todo. Neste sentido sua obra é coerente com o projeto de Husserl quando concebe *Krisis* como .há uma crítica dos limites da

Ciência Ocidental moderna e contemporânea.

Assim se torna possível uma crítica do racionalismo cientificista e se colocam as pedras fundamentais para uma teoria crítica da sociedade.

3. Referências

3.1 Referências: obras de Alfred Schütz

- SCHUTZ, Alfred. *Collected Papers I*. (Ed. And Introd. By Maurice Natanson, with a Preface by H. L. van Brenda). The Hague/Boston/London: 1962.
- _____, Alfred. *Reflection on the problem of relevance*. (Edited, unnoted, and with Introduction by Richard M. Zaner); New Haven and London: Yale University Press, 1970.
- _____, Alfred. *Collected Papers III. Studies in Phenomenological Philosophy*. (Edited by I. Schutz, with an Introduction by Aron Gurwitsch); The Hague: Martinus Nijhoff, 1975.
- _____, Alfred. *Collected Papers II. Studies in Social Theory*. (Edited and Introduced by Arvid Brodersen); The Hague? Martinus Nijhoff, 1976.
- _____, Alfred. *Fenomenologia e Relações Sociais*, (Textos escolhidos de Alfred Schutz, org. e introdução de Helmut R. Wagner. (Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979).
- _____, "Alfred. 1983. Formación de Conceptos y Teoría de Las Ciencias Sociales", In: *Filosofía de las Ciencias Sociales. Materiales para una Fundamentación Científica*, In: J. M. Mardones y N. Ursua; orgs. Editorial Fontanamara S.A. Barcelona; 2ª Edición, 1983.
- _____, Alfred. *Fenomenologia del Mundo Social. Introducción a la sociología comprensiva*. (Introducción de Georg Walsh); Buenos Aires: Editorial Paidós. 1972).
- _____, Alfred & Luckmann, Thomas. *Las estructuras del mundo de la vida*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2001.
- _____, Alfred. *El problema de la realidad social*. (Compilador: Maurice Natanson). Buenos Aires: Amorrortu editores, 19740

3.2 Referências: obras de comentadores

AGUIRRE, Antonio. "Consideraciones Sobre el Mundo de la Vida". In:

Problemata - Rev. Int. de Filosofía. Vol. 02. No. 01. (2011). pp. 54-74.

ISSN 1516-9219

- Revista Venezolana de Filosofía*, 9 (1979).
- BRANDT, Gerd. *Die Lebenswelt. Eine Philosophie des konkreten A priori*. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1971.
- FELLMANN, Ferdinand. *Gelebte Philosophie in Deutschland. Denkform der Lebenswelt phänomenologie und der kritischen Theorie*. Friburg/Manchen, Verlag Kart Alber, 1983.
- FERRATER MORA, José. 1980. "Lebenswelt", in *Diccionario de Filosofía*, Madrid: Alianza Editorial, S. Año III, p.1924.
- GÓMEZ-HERAS, José M. *El apriori del mundo de la vida. Fundamentación fenomenológica de una ética de la ciencia e de la técnica*. Barcelona: Editorial Antropos, 1989.
- RICOEUR, Paul. "L'originare et la Question-em-retour dans la "Krisis" de Husserl". In: RICOEUR, P. *A L'École de la Phénoménologie*. Paris: Librairie Philosophique Jean Vrin, 1993, pp. 167-295.
- STEIN, Ernildo. *Mundo Vivido. Das vicissitudes e dos usos de um conceito da fenomenologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- WELTER, Rüdiger. *Der Begriff der Lebenswelt. Theorie vortheorischer Erfahrungswelt*. München: Wilhelm Fink Verlag. 1986.